

# **As Raízes do Terrorismo Islâmico**

Os responsáveis que permanecem ocultos

Antero Leitzinger

Finlândia

Março de 2002

# Apresentação

Autor: Antero Leitzinger

Data: Março de 2002

O artigo "*As Raízes do Terrorismo Islâmico*", escrito por Antero Leitzinger, oferece uma análise profunda e esclarecedora sobre as origens e os fatores que contribuíram para o surgimento do terrorismo islâmico no cenário global. Neste trabalho, o autor, um renomado historiador político e pesquisador finlandês, mergulha em uma série de tópicos relevantes, explorando conexões entre a Rússia, o Islã e a região do Cáucaso.

Nascido em Helsinque, Finlândia, Antero Leitzinger é conhecido por sua pesquisa abrangente em diversas áreas, incluindo política, história e relações internacionais. Sua obra "*Caucasus - An Unholy Alliance*" já indicava seu compromisso em entender as dinâmicas complexas que envolvem a região do Cáucaso e suas interações com a Rússia e o mundo islâmico.

Neste texto, Leitzinger compartilha suas análises e reflexões sobre as origens do terrorismo islâmico, oferecendo uma visão única e esclarecedora para aqueles que desejam compreender melhor esse fenômeno global. Suas investigações examinam as complexas relações entre o Islã, a Rússia e as tensões históricas e políticas que contribuíram para o surgimento do terrorismo.

Além disso, este livro em versão digital inclui pequenos acréscimos e notas adicionadas por Allan Dos Santos, jornalista e escritor, com o objetivo de tornar o texto mais acessível e compreensível para o público brasileiro. Esta obra oferece uma oportunidade única de explorar as raízes do terrorismo islâmico e as

complexas interações que moldaram seu desenvolvimento ao longo da história recente.

Este artigo tem a intenção de traçar as raízes do terrorismo islâmico, com um foco especial no Afeganistão. Notas são adicionadas sobre problemas práticos e filosóficos da mídia mundial em encontrar o caminho certo. Desde erros sistemáticos na revelação de pequenos detalhes até sérios equívocos sobre fatos e princípios básicos, podemos aprender relativamente facilmente o quanto do "conhecimento comum" na verdade se baseia em pesquisas superficiais e mitos populares. Em vez de se tornarem críticos e conscientes das armadilhas ao redor desse problema, tanto os islamistas quanto os islamofóbicos falham em reconhecer como estão sendo manipulados.

## **O terrorismo é real**

O terrorismo não é um conceito tão difícil quanto alguns afirmam. É uma ideologia política (-ismo) sobre o uso do terror, que é um medo arbitrário, não restrito e não especificado. Isso exclui a guerra tradicional contra exércitos regulares e forças policiais, bem como assassinatos individuais de figuras públicas.

Nem o separatismo nem a violência criminal em si são necessariamente terrorismos. Para chamar um ato de terrorismo, sempre devemos perguntar: Isso realmente espalha terror cego entre a população em geral? Uma bomba explodida em um mercado ou em um avião civil pretende criar um medo comum entre os clientes e espectadores, porque praticamente qualquer pessoa poderia se tornar uma vítima. As vítimas são tipicamente anônimas, e a ideia central do ato era causar danos ou uma ameaça crível. O assassinato de um líder político, o lançamento de pedras contra tropas de ocupação ou bombardeios de posições inimigas durante uma guerra declarada ou após uma ordem de rendição pode ser repulsivo e matar pessoas inocentes, mas não é terror, se nenhum "homem comum" precisar se sentir inseguro sobre sua segurança no dia seguinte. Nenhuma mulher ou criança deve temer que possam ser confundidas com

presidentes, soldados ou instalações militares. Alguém pode ter má sorte e ser alvo acidentalmente, mas se for terrorismo, nos perguntaremos: Por quê? Qual é o objetivo?

O terrorismo raramente é o objetivo final em si, como se pensa sobre a anarquia ou o comunismo, mas apenas um **método para promover alguma política**. É por isso que **os terroristas representam uma ideologia política**. Mesmo quando são, na verdade, apenas criminosos comuns ou psicopatas, os terroristas fazem esforços para encontrar uma desculpa política para seus atos.

Sabemos que nem todo movimento político deu origem a um grupo terrorista ou serviu de desculpa para o terrorismo. Na verdade, o terrorismo tem sido o **método favorito apenas dos socialistas extremos** - tanto das variedades internacional (esquerda) quanto nacional (direita). Desde os jacobinos da Revolução Francesa, que realizaram o “*Reino do Terror*” em 1794, os socialistas internacionais (comunistas) e os socialistas nacionais (fascistas) compartilham uma **tendência comum de usar o terrorismo**.

Uma definição clara de terrorismo ajuda a identificá-lo e rastreá-lo ao longo da história. Ele pode ser datado e localizado. Isso o torna muito real - e, portanto, também possível de ser erradicado.

## Como os Socialistas se tornaram terroristas islâmicos

O terrorismo moderno nasceu dentro de um ano, 1967-1968. Os socialistas internacionalistas (comunistas) começaram uma tendência em todo o mundo simultaneamente, **o que deveria nos fazer suspeitar das raízes comuns**. Os socialistas nacionais seguiram o exemplo, transformando marxistas de origem muçulmana em marxistas de origem islâmica.



Fidel Castro e Yuri Andropov

Em 18 de maio de 1967, **Yuri Andropov** assumiu a liderança da KGB. Os serviços de segurança russos evoluíram para um “estado” dentro do estado soviético, como ficou claro quando **Andropov** se tornou secretário geral do partido comunista após a morte de **Leonid Brezhnev**, em 1982. Durante a era de **Andropov**, que foi muito mais longa do que a de qualquer outro chefe da KGB, os serviços secretos soviéticos apoiaram o terrorismo internacional por meio de estados satélites e “frentes de libertação” marxistas [NdT: como as FARC]. “Ao assumir a presidência da KGB em 1967, Andropov anunciou imediatamente sua intenção de reviver as 'ações especiais' da KGB como uma ferramenta essencial da política soviética durante a Guerra Fria (Andrew & Mitrokhin, p. 374)”.



Semyon Tsvigun, ex-chefe da  
KGB no Azerbaijão

O homem que se tornou vice de **Andropov** foi o ex-chefe da KGB do **Azerbaijão, Semyon Tsvigun**, que cometeu suicídio em 19 de janeiro de 1982. Sua esposa era irmã de **Brezhnev**. **Eduard Topol** escreveu um romance de espionagem sobre o caso, intitulado "*Praça Vermelha*". No romance, a viúva de **Tsvigun** acusa **Andropov** de ser **antissemita**, de organizar o terrorismo internacional e de ter seu subordinado assassinado. No entanto, a realidade não corrobora qualquer divisão dentro da KGB. O filho de **Tsvigun** também se tornou um oficial da KGB e foi nomeado diplomata soviético no **Cairo** a partir de agosto de 1984. O genro de **Tsvigun** se tornou **o principal fornecedor de armas para terroristas islâmicos no Afeganistão até 1995**.

## O movimento estudantil de 1968

Em 2 de junho de 1967, manifestantes estudantis violentos encontraram o Xá (Shah) do Irã na **Alemanha Ocidental**. Toda a Europa livre foi afligida por manifestações estudantis em maio de 1968, causando uma situação quase revolucionária na França. **Numerosas células terroristas de esquerda foram formadas na Alemanha, Itália e outros países ocidentais**. Suas atividades atingiram o auge em 1977, após o qual os terroristas alemães Ocidentais se retiraram para a Alemanha Oriental comunista.

O **IRA** (*Exército Republicano Irlandês, da Irlanda do Norte*) e a ETA (*Pátria Basca e Liberdade, do País Basco*) começaram suas atividades terroristas em 1968, com picos em torno de 1976. **Andropov** considerou um pedido do IRA para entrega de armas por três anos antes de concordar com isso em 1972 (Andrew & Mitrokhin, p. 378 e 384-385).

## Da Europa para as Américas

Terroristas de esquerda alemães e italianos começaram a cooperar no verão de 1969, e em outubro de 1971, um total de **16 grupos terroristas** realizaram uma reunião em Florença, Itália. Além do IRA e da ETA, muitos grupos palestinos e latino-americanos (ERP, ELN, MLN, MIR) se juntaram à **rede internacional de terror** até 1973.

Nos Estados Unidos, agentes soviéticos incitaram a tensão racial através de escritos em nome do **Ku Klux Klan** e por uma explosão de bomba na cidade de Nova York, no verão de 1971 (Andrew & Mitrokhin, p. 238). No mesmo ano, agentes soviéticos estabeleceram contatos com um grupo separatista quebequense, o FLQ, no Canadá.

## Cuba e a América do Sul



Na América Latina, Cuba comunista foi uma fonte de atividades revolucionárias em muitos países, embora a KGB também mantivesse seus próprios agentes lá. Em outubro de 1967, “Che Guevara”, cuja namorada era **alemã-oriental**, foi executado na Bolívia, tornando-se um ídolo romântico para jovens adolescentes. Trinta e quatro anos depois, **sua imagem podia ser vista nas camisetas de jovens palestinos em confrontos**. No México, a KGB esteve envolvida em protestos estudantis de julho a outubro de 1968, antes dos Jogos Olímpicos. O Uruguai experimentou atividades de guerrilha urbana pelo MLN, atingindo o auge entre 1968 e 1972. A Argentina seguiu entre 1970 e 1975. Os comunistas tinham grandes esperanças no Chile, mas foram amargamente desapontados pelo golpe militar em 1973 [NdT: No Brasil, em 4 de setembro de 1969 ocorreu um dos episódios mais marcantes da Ditadura Militar (1964-1985): o então embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick, foi sequestrado por **integrantes da Aliança Libertadora Nacional (ALN) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro - MR-8**].



NEWS ANALYSIS OPINION FEATURES INVESTIGATIONS PODCAST VIDEO

“ The Palestinian movement drew inspiration from guerrillas in Latin America, Vietnam and Algeria ”

Site “A Nova Arábia” em artigo elogiando Che Chevara diz: “O movimento palestino se inspirou nos guerrilheiros da América Latina, Vietnã e Argélia”.

No final dos anos 1970, o otimismo do movimento comunista estava definitivamente em declínio em todo o mundo. Nesse ponto, a KGB precisava desesperadamente de qualquer tipo de estímulo para manter os espíritos revolucionários animados. Nos EUA, na Europa e nas Américas Central e Sul, várias

lideranças estavam se opondo aos comunistas. Surpreendentemente, **o Oriente Médio veio em seu socorro.**

## O socorro vindo do Oriente Médio

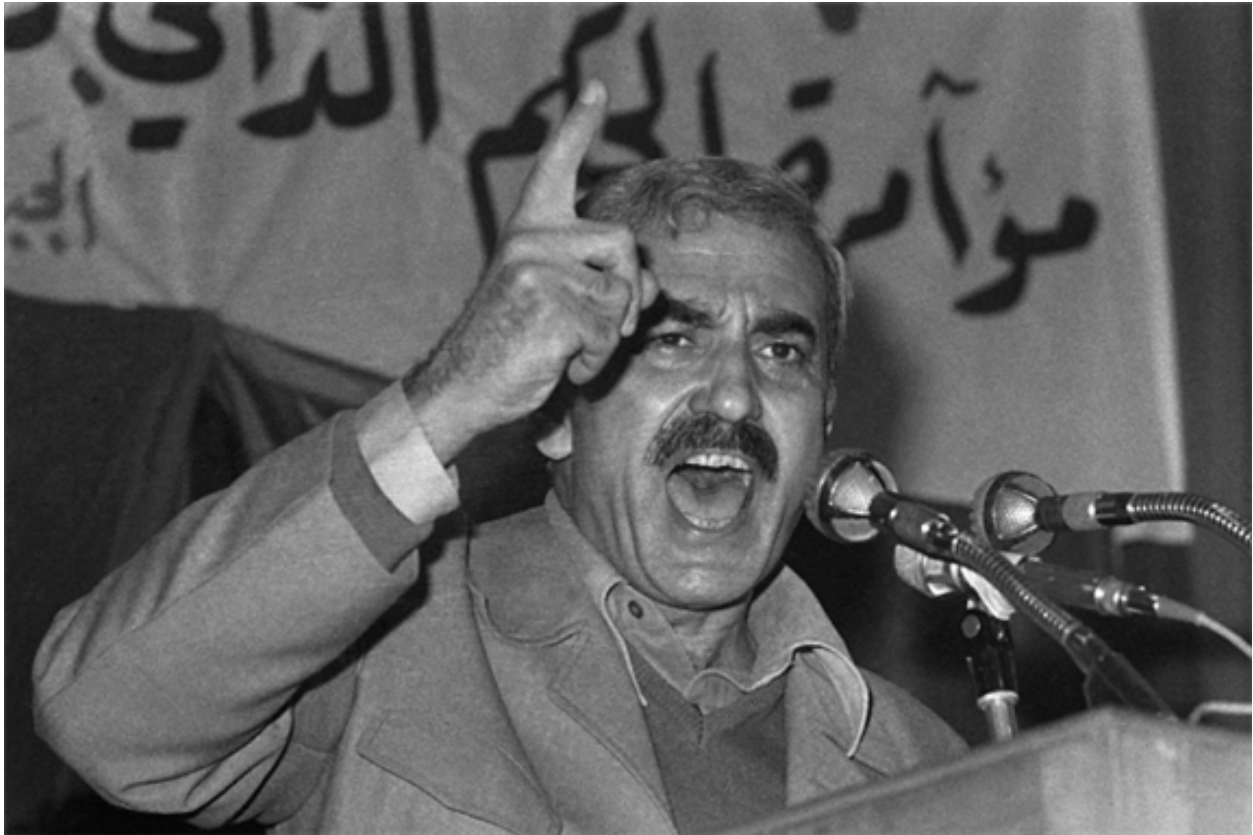


Imagem: George Habash, fundador da FPLP

Em dezembro de 1967, um “cristão libanês” chamado **George Habash**, que havia sido um nacional socialista pan-árabe, ampliou seu campo de atuação ao fundar a **Frente Popular Marxista-Leninista para a Libertação da Palestina (FPLP)**. Embora tenha se dividido já no ano seguinte, a FPLP permaneceu o grupo terrorista palestino mais pró-soviético, com amplas ligações globais. Isso levou o **Comitê Central do Partido Comunista Soviético** a adotar a causa palestina em 1968. Em julho de 1970, **Andropov** permitiu a primeira entrega direta de armas soviéticas à FPLP. A partir desse momento, tanto a KGB quanto, talvez

ainda mais, o **serviço de inteligência militar russo, GRU, forneceram armas e treinamento para terroristas palestinos**. A partir de 1972, isso foi coordenado por **Habash**, que tinha conexões próximas com grupos terroristas **japoneses** e **latino-americanos**. O homem principalmente responsável pela exportação do terrorismo palestino era **Wadi Haddad**, vice-líder da PFLP, recrutado como agente “Natsionalist” pela KGB em 1970. **Andropov** revelou seus objetivos em um relatório a **Brezhnev**: “A natureza de nossas relações com W. Haddad nos permite controlar as operações externas do PFLP até certo ponto, exercer influência de maneira favorável à União Soviética e também realizar medidas ativas em apoio a nossos interesses por meio dos recursos da organização, observando o sigilo necessário (Andrew & Mitrokhin, p. 380)”.



O presidente egípcio Anwar El-Sadat que expulsou a maioria dos agentes da KGB do Egito e manteve uma política de paz com Israel fora assassinado oito anos depois.

Os sequestros de aviões, uma vez na moda, foram iniciados pela PFLP em 23 de julho de 1968. Naquela época, **a União Soviética, que havia apoiado o estabelecimento de Israel e armado suas forças 20 anos antes**, já havia investido muitos recursos na **causa palestina** e no **socialismo árabe**. As armas inicialmente foram contrabandeadas através do Egito.



Osama bin Laden e Ayman az-Zawahiri

*“Até o verão de 1968, a União Soviética havia avançado muito na conversão do Egito em **sua principal base de subversão contra o mundo árabe** (Barron, p. 62)”. Trinta e três anos depois, o Egito era a **principal base de terroristas islâmicos**. No entanto, a União Soviética fracassou no Egito. Em maio de 1971, o presidente egípcio **Anwar El-Sadat** eliminou a maioria dos agentes da KGB. Em julho de 1972, **os conselheiros soviéticos foram expulsos do Egito**.*

Oito anos depois, El-Sadat pagou com sua vida por isso, sendo assassinado por membros de um grupo islâmico. A política de paz de El-Sadat em relação a Israel facilitou a aliança dos remanescentes da rede da KGB com a Irmandade Muçulmana de direita. Este é o contexto de Ayman az-Zawahiri, o segundo homem da al-Qaeda.

A organização **al-Fatah** de **Yasser Arafat** recebeu seu primeiro carregamento de armas soviéticas em setembro de 1972. No entanto, os palestinos estavam divididos em facções pró-iraquianas e pró-sírias. Embora o Iraque e a Síria fossem governados por um partido **Baath Socialista Árabe**, e extremamente amigáveis em relação à União Soviética após o final da década de 1950, a crescente fricção entre

esses dois estados árabes dividiu os palestinos e frustrou os **esforços soviéticos de unir os árabes contra Israel e o mundo ocidental.**



Yasser Arafat e Fidel Castro

A Guerra do Yom Kippur de 1973 e o subsequente embargo de petróleo de outubro de 1973 a março de 1974, direcionado contra os EUA, ensinaram duas lições à KGB: que os parceiros tradicionais e ortodoxos do **socialismo árabe** e seus representantes palestinos não podiam ser confiáveis e obtinham

pouco sucesso por meio de **empreendimentos militares e terrorismo**; mas que o futuro era econômico e residia nos campos de petróleo da Arábia Saudita e dos emirados do Golfo. Assim, o **Islã Político**, ou o Islamismo, substituiu o Socialismo como a base mais promissora para conquistar os corações árabes e prejudicar os interesses ocidentais no Oriente Médio. Após o fracasso no Egito, a KGB voltou-se para a **Arábia Saudita**, onde o **Rei Faysal** havia sido **assassinado** em maio de 1975, e o **Rei Khalid** governou até 1982. Aqui, a KGB poderia encontrar conexões valiosas por meio da Irmandade Muçulmana.

O elo-chave pode ter sido **Muhammad Maruf ad-Dawalibi**, ex-primeiro-ministro da Síria e fundador da **Frente Socialista Islâmica** no outono de 1949. Ele já havia declarado em abril de 1950 que os árabes prefeririam “*mil vezes mais se tornar uma República Soviética do que ser despojados pelos judeus*” (Reissner, p. 332, 355 e 422-423)”. A preferência de **Dawalibi** pelo domínio soviético não foi abalada pelo apoio soviético a Israel até setembro de 1951. Em vez disso, ele recomendou que os líderes árabes buscassem ainda mais o apoio soviético. **Dawalibi** foi exilado da Síria, mas tornou-se conselheiro do **Rei Khalid** e presidente da Conferência Islâmica realizada no Paquistão em 1976.

A Arábia Saudita financiou o terrorismo internacional após 1974, independentemente do ateísmo professado por **grupos marxistas palestinos**. Por exemplo, somente no ano de 1989, a **OLP** recebeu **85 milhões de dólares americanos**, e o **Hamas** recebeu 72 milhões de dólares americanos da Arábia Saudita. Ao mesmo tempo, o **Kuwait** também financiou o **Hamas** com 60 milhões de dólares americanos.

Essa política, explicada como subornos para manter terroristas longe de alvos sauditas, foi supervisionada pelo chefe de inteligência saudita, o sobrinho do rei, o príncipe **Turki**, de 1977 até sua inexplicável demissão no final de agosto de 2001.

Outro padrinho do islamismo na Arábia Saudita foi o idoso **Mufti Abdulaziz Bin Baz** (falecido em 1999), que declarou que o sol girava em torno da Terra (1966) e que a Terra era plana (1969), entre outras doutrinas igualmente “islâmicas”. Com dinheiro saudita, tais ideias foram transmitidas por meio da **Conferência Islâmica** e de sua organizadora, a **Liga Mundial Muçulmana**, por todo o mundo muçulmano.

Em meados dos anos 1970, o Iraque era o aliado mais confiável da Rússia no mundo muçulmano (exceto pelo Sul do Iêmen, que já era oficialmente um satélite soviético), e o único estado nominalmente não comunista onde a KGB cessou suas atividades, pois parecia não haver necessidade de supervisão. Quando **Saddam Hussein executou alguns comunistas iraquianos**, em maio de 1978, a KGB ficou preocupada, mas o início da guerra entre Iraque e Irã em 1980 pegou a diplomacia soviética de surpresa. Por um tempo, a União Soviética hesitou sobre quem apoiar, mas quando os EUA, Egito e Arábia Saudita fizeram sua escolha a favor do Iraque, a União Soviética mudou de lado. Após isso, muitos terroristas patrocinados pela União Soviética tiveram que se mudar do Iraque para o Irã, Síria ou Líbano.

O Irã se tornou o aliado mais leal da Rússia após a revolução islâmica de 1979. Essa relação durou mais de duas décadas e ainda é valorizada pelos islâmicos



entre o clero *xiita* e os serviços de segurança. Quando as tropas soviéticas invadiram o **Afeganistão** no mesmo ano, houve apenas uma manifestação espontânea em **Teerã**, após a qual o Irã seguiu tranquilamente as ações da Rússia contra os povos muçulmanos vizinhos.



O fundador da Terceira República do Azerbaijão, Heydar Aliyev

A revolução iraniana pegou a KGB de surpresa, mas foi uma surpresa agradável, e a União Soviética escolheu apoiar os revolucionários islâmicos já em **novembro de 1978**. O presidente contemporâneo do **Azerbaijão**, ex-líder do partido e **chefe da KGB** (sucessor e amigo de **Tsvigun**), **Heydar Aliyev**, era o especialista em Oriente Médio que logo convenceu o *Politburo* de que **Ayatollah Khomeini** deveria ser apoiado pela União Soviética. (Taheri, p. 218) Essa avaliação causou uma divisão permanente dentro do partido comunista iraniano (**Tudeh**), porque este foi instruído a apoiar **Khomeini** apesar das dúvidas do próprio secretário-geral do partido. Ele foi substituído por um parente de **Khomeini** (Kuzichkin, p. 264 e 285).



Mustafa Ali Chamran havia estudado na Califórnia e no Egito antes de fundar uma sociedade secreta xiita comunista

Entre os colaboradores mais próximos de **Khomeini**, havia muitos comunistas que convenientemente deixaram crescer a barba. **Mustafa Ali Chamran** havia estudado na **Califórnia** e no **Egito** antes de fundar uma sociedade secreta *xiita* comunista. Seus alunos incluíam o **futuro ministro das Relações Exteriores, Ibrahim Yazdi**, o **ministro do Petróleo, Mohammed Gharazi**, e um colega libanês da *Universidade de Berkeley*, **Hussein Shaikh al-Islam**, que liderou a ocupação da **Embaixada dos EUA em Teerã**. Essa ocupação, pouco antes da invasão soviética do Afeganistão, **concentrou o radicalismo iraniano no anti-americanismo** (Taheri, p. 78 e 139-140). **Mohammed Beheshti**, cuja morte em um atentado em 28 de junho de 1981, permaneceu um mistério, havia morado na **Alemanha Oriental**. O primeiro companheiro de **Khomeini** e ministro das



Relações Exteriores, **Sadegh Ghotbzadeh**, tinha conexões com a Síria. A maioria dos radicais de esquerda só foi reprimida após o verão de 1981, quando muitos ex-comunistas já haviam se acomodado com sucesso ao novo regime.

Tanto **Ghotbzadeh** quanto **Chamran receberam treinamento de terroristas palestinos**. Quando era estudante nos **EUA**, **Ghotbzadeh** foi recrutado pelo GRU - **Glavnoye Razvedyvatelnoye Upravlenie** cuja tradução é “*Chefe do Escritório de Inteligência*”, estabelecido como uma **agência de inteligência estrangeira do governo militar da URSS** (Livingston & Halevy, p. 153-154; Kuzichkin, p. 302).



Imagem: Sayyid Qutb, fundador da Irmandade Muçulmana no Egito

*“É significativo que o anti-americanismo tenha sido propagado pela primeira vez como um tema importante do fundamentalismo muçulmano por jovens de países islâmicos que passaram um tempo nos Estados Unidos como estudantes ou trabalhadores (Taheri, p. 206)”. Isso incluiu o fundador da **Irmandade Muçulmana***

**no Egito, Sayyid Qutb**, que viveu nos EUA por dois anos por volta de 1949/1950. Os **quatro pilotos de 11 de setembro de 2001** incluíam um cidadão alemão nativo, cujo pai marroquino não era islâmico, um libanês de origem liberal e um cidadão dos **Emirados Árabes Unidos**, ambos com cinco anos de residência na **Alemanha**, e o líder terrorista nascido no **Egito, Muhammad Atta**, que havia imigrado para a **Alemanha** nove anos antes.

O artigo de Daniel Pipes “**A Mente Ocidental do Islã Radical**” descreve bem como muitos terroristas islâmicos adotaram na verdade **mais ideias de seus contatos com a sociedade ocidental do que de suas próprias tradições**: *“Líderes fundamentalistas tendem a estar bem familiarizados com o Ocidente, tendo vivido lá, aprendido seus idiomas e estudado suas culturas. [...] De fato, a experiência de viver no Ocidente muitas vezes transforma muçulmanos indiferentes em fundamentalistas. ... Em contraste com essa familiaridade ostensiva com os modos ocidentais, os fundamentalistas estão distantes de sua própria cultura. [...] Tendo descoberto o Islã por conta própria já adultos, muitos fundamentalistas são ignorantes de sua própria história e tradições.”*

Isso se tornou muito evidente nas biografias daqueles que cometeram os ataques suicidas de setembro de 2001, que **geralmente eram de famílias ricas**, tinham educação ocidental e haviam vivido muitos anos em **Hamburgo, Londres e América**. Pipes observa o fato de que “*muçulmanos fundamentalistas*” (ou melhor, “*islamistas*”, já que eles se preocupam pouco com tradições e seus verdadeiros fundamentos) introduziram noções distintamente cristãs em sua religião. Ele apresenta muitos exemplos detalhados, entre outros que “*fundamentalistas transformaram as sextas-feiras em um sábado, algo que antes não era. [...] Ignorantes do espírito subjacente à Sharia, os fundamentalistas a aplicam com base territorial, e não pessoal...*”, e assim por diante.

Enquanto a lei islâmica original tinha disposições complexas separadas para judeus e cristãos, os *islamistas* tendem a considerá-los com a mesma intolerância que os não cristãos costumavam ser considerados na Europa pré-século XIX. Os *islamistas* também tendem a confundir conceitos islâmicos (por exemplo, em relação à pureza ritual, prescrições alimentares, etc.) com conceitos cristãos semelhantes, mas não idênticos. Um exemplo visível é o “lenço de cabeça islâmico” uniforme, que poderia derivar mais de prescrições na Epístola de São Paulo do que de interpretações do **Alcorão**, ou de costumes tradicionais. Também há uma tendência curiosa de **ameaçar apóstatas com pena de morte** (*enquanto o Alcorão proíbe o uso da força em questões religiosas*) e de impedir que seguidoras do sexo feminino se casem com homens cristãos, enquanto homens sempre foram autorizados a se casar com mulheres cristãs, e o Alcorão ordena explicitamente as mesmas restrições ou isenções de casamento igualmente para ambos os sexos. Na verdade, foram o Cânon e algumas leis ortodoxas (por exemplo, na Rússia até o início do século XX), que ameaçavam um apóstata com pena de morte e impediam casamentos mistos. Quando as sociedades cristãs descobriram que tais leis não tinham base na religião, os islamistas as adotaram, embora tivessem ainda menos base no Islã. Por exemplo, no estado malaio de Sabah (Malásia), as mulheres muçulmanas foram proibidas de casamentos mistos **apenas após a década de 1970**, quando o islamismo se tornou uma moda global. Modas e interpretações fundamentalmente anti-islâmicas da religião foram exportadas da Arábia Saudita globalmente desde a década de 1970, com forte apoio financeiro.

Pipes descreve a maneira como os islamistas “estabeleceram estruturas semelhantes a igrejas. A tendência começou na Arábia Saudita, onde as autoridades construíram uma série de novas instituições..., por exemplo: o Secretário da Liga Mundial Muçulmana, o Secretário-Geral da Conferência

Islâmica... A República Islâmica do Irã logo seguiu o modelo saudita e o ultrapassou...”.

## O Anti-americanismo

O **Anti-americanismo** tornou-se um forte denominador comum não apenas para os muçulmanos, mas também para os cristãos e ateus no Oriente Médio. Isso não foi tão surpreendente, uma vez que não apenas **Habash**, mas também outro líder de um partido palestino marxista, **Nayef Hawatmeh** do DFLP, era cristão (IHT 9.8.1999). A OLP incluía muitos árabes cristãos, mas desde 1985 também adotou uma política “islâmica”. A organização **Al-Fatah** de Yasser Arafat, juntamente com o **Partido Comunista da Jordânia**, aliou-se à **Irmandade Muçulmana** (Bodansky, p. 21).



Karen Nersesovich Brutents e Gorbachev

No conflito de **Karabakh**, **Khomeini** apoiou os armênios cristãos, cujo movimento terrorista **ASALA** havia sido originalmente estabelecido por um ex-membro iraquiano da **FPLP**, “**Hagop Hagopian**”, e compartilhou campos de treinamento comuns no Líbano com a PFLP, de 1977 a 1982 (Seale, p. 337-338).



Ahmed Ben Bella e Nikita Khrushchev

Após julho de 1983, a **ASALA (Exército Secreto Armênio para a Libertação da Armênia)** desapareceu no mesmo vale libanês onde, no verão seguinte, emergiu outra organização anti-turca, o **PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão)**. Isso não era uma novidade, já que **armênios pró-soviéticos** haviam participado da fundação de um partido curdo anti-turco em 1927 - também no Líbano. Tanto a **ASALA** quanto o **PKK** foram rumores de terem sido ideias de um oficial armênio soviético da **KGB** chamado **Karen Nersesovich Brutents** (MN 10.3.1999).

Outra facção terrorista armênia, chamada **ARA**, passou da proteção iraquiana e da **FPLP (Frente Popular para a Libertação da Palestina)** para a custódia iraniana e libanesa (na verdade, síria) no final de 1984. Isso coincidiu com a mudança rápida da simpatia soviética do Iraque para o Irã durante a guerra iraniana-iraquiana (Taheri, p. 112 e 278). Eles foram ativados contra muçulmanos azerbaijanos em 1987.

A “revolução islâmica” no Irã também inspirou árabes de esquerda frustrados. O mundo árabe havia sido desmoralizado pela guerra de 1973, pela falta de ganhos suficientes na crise do petróleo e pela guerra civil no Líbano em 1975-1976. Mesmo um cristão-marxista como **Jérôme Shahin** chegou à conclusão de que nem o socialismo árabe nem a unidade pan-árabe, mas apenas o Islã, poderia inspirar as

“massas” árabes. Outro marxista, **Anwar Abdulmalek**, defendeu o “*islamismo político*” e descreveu **Khomeini** como “progressista por definição” devido ao anti-americanismo inerente à herança islâmica. O “síndrome **Abdelmalek-Shahin**” deu subitamente esperança a intelectuais de esquerda alienados (Sivan, p. 161-168).

O islamismo tornou-se a nova ideologia para o conquistador da independência argelina, **Ahmad Ben Bella** (1984), que **havia sido condecorado com uma medalha de Lenin vinte e um anos antes** (Taheri, p. 192-193 e 296). No Marrocos, socialistas que se tornaram islamitas incluíam **Abdulkarim Moti** e **Abdussalam Yassine** (Taheri, p. 195). Este último publicou uma carta aberta ao rei em 1974, foi preso e ainda vive em prisão domiciliar como líder do **Partido Adl wa Ihsane** (Justiça e Bem-Estar) (NZZ 2.7.1999).

Essa conversão do marxismo para o islamismo não foi um problema espiritual pior do que a conversão de organizações nacionalistas tradicionalmente profundamente católicas, como o **IRA** e **ETA**, em grupos terroristas marxistas na década de 1960. Terroristas de direita alemães do **Wehrsportgruppe** também não sentiram problemas, em serem treinados em 1981 por **palestinos de esquerda no Líbano** (NZZ 8.1.1985).

Apesar de possíveis objeções ideológicas, aqueles comunistas e outros extremistas que permaneceram leais à **missão estratégica da Rússia** no Oriente Médio estavam **dispostos a servir sob uma nova roupagem ideológica**. Isso foi percebido por alguns pesquisadores até meados da década de 1980: “O fator mais significativo é a percepção soviética de que dois movimentos - o islamismo radical-revivalista (comumente, mas erroneamente, chamado de 'fundamentalista') e o islamismo tradicional - tornaram-se as tendências mais decisivas no mundo muçulmano, e que se Moscou quiser ter alguma influência lá, ela deve encontrar uma maneira de explorá-los e manipulá-los - especialmente os radicais-revivalistas,

que são mais úteis para eles. [...] Eles sabem que suas esperanças de sucesso residem em **persuadir os muçulmanos radicais-revivalistas a verem os soviéticos como um instrumento a ser usado contra um inimigo comum, o Ocidente** (Afghanistan..., p. 244)“.

## Islamistas Soviéticos no Afeganistão

A Rússia possui longa tradição na arte política da provocação, que remontam à época imperial, quando a polícia secreta perdeu completamente o controle de sua própria rede de “*agentes provocadores*”, que se infiltraram e comprometeram com sucesso os partidos de oposição ao cometerem crimes tão graves que poderiam muito bem ser considerados revolucionários disfarçados de polícia. As provocações foram adotadas pelos serviços secretos soviéticos e amplamente utilizadas nos “conflitos étnicos” que surgiram repentinamente na Ásia Central e no Cáucaso, entre 1987 e 1993.

Provocações já foram exercidas durante a invasão do Afeganistão, como foi revelado em fevereiro de 2002 por **Vasili Mitrokhin**, um oficial da KGB de 1956 a 1984, que preparou um relatório secreto em 1987 e desertou para a Grã-Bretanha em 1992. Ele descreve operações de “bandeira falsa” (false flag), onde “unidades de guerrilha afegãs treinadas pelos soviéticos se passavam por mujahidin rebeldes apoiados pela CIA [combatentes da liberdade islâmica] para criar confusão e expor rebeldes genuínos”. Em janeiro de 1983, havia 86 dessas “bandeiras falsas”, treinadas pelo oficial da KGB **V. Kikot** do 8º Departamento da “Diretoria S”. **Kikot** foi transferido de **Cuba** e estava familiarizado com o treinamento de terroristas palestinos. Também havia mais de 110 agentes infiltrados no **Irã** e mais de 200 agentes no **Paquistão**, incluindo **Murtaza Bhutto**, filho do ex-presidente e irmão do futuro primeiro-ministro (WP 24.2.2002; IHT 25.2.2002).

Security

## Hekmatyar confirms Russian 'relationship' with Taliban

Russia's support for the Taliban undermines the Afghan peace process, Afghan officials say.

Salaam Times

2017-11-30



Gulbuddin Hekmatyar gestures while speaking during a news conference in Kabul August 5. [Wakil Kohsar/AFP]

### Hekmatyar confirma 'relacionamento' russo com o Taliban

terrorismo. Por alguma razão, teorias logicamente inconsistentes e praticamente infundadas permanecem muito mais populares na mídia ocidental do que **os fatos confessados por ex-altos funcionários soviéticos**.

Os combatentes pela liberdade afegãos reconheceram **Gulbuddin Hikmatyar** como um provocador da KGB já em 1985. Dois terços dos conflitos entre as facções de guerrilha afegãs foram causados por provocações da KGB (Bradsher, p. 295; Afeganistão..., p. 203-227 e 395). Isso não deveria ter sido uma surpresa, já que dizem que **Hikmatyar** passou **quatro anos no partido comunista afegão (PDPA) antes de se tornar um muçulmano "devoto"** (<http://www.afghan-web.com/bios/today/ghekmattyar.html>). Até mesmo um grupo feminista de esquerda afegão acusa **Hikmatyar** de participação em um assassinato cometido pela KGB em 1985 (<http://www.geocities.com/Wellesley/3340/rawa.html>).

"Os soviéticos manipularam e exploraram o **Hizbi-i Islami** [Partido Islâmico] de **Gulbaddin Hekmatiyar** principalmente por meio dos inúmeros agentes em seu conselho militar, que incluía representantes não apenas da Irmandade Muçulmana,

O ex-general da KGB **Oleg Kalugin** assegurou corretamente em uma discussão na BBC World News TV em **23 de setembro de 2001** que **havia mais terroristas da Al-Qaeda treinados pela KGB do que pela CIA**, mas suas palavras não foram levadas a sério por outros debatedores, que preferiram culpar a pobreza predominante nos campos de refugiados palestinos, a não intervenção americana lá, o envolvimento americano em ajudar os combatentes pela liberdade afegãos na década de 1980 e a desigualdade global como terreno fértil para o



mas também da **Líbia**, do **Irã** e da **OLP**. No meio da década de 1980, **Gulbaddin Hekmatiyar** era conhecido por ter visitado a Líbia e o Irã e havia rumores de que havia visitado a PDRY [comunista Iêmen do Sul]" (Bodansky, p. 22-23).

Muitos observadores previram antecipadamente qual seria a alternativa ao poder **comunista em Cabul**: "Desde 1978, os regimes comunistas em Cabul têm consistentemente identificado **Gulbuddin Hekmatyar**, a figura mais radical, como o líder primário ou até mesmo o único líder de toda a Resistência... No caso de os regimes **comunistas em Cabul** serem substituídos ou se juntarem aos elementos mais radicais na Resistência e esses elementos tentarem implementar seus programas extremistas, parece certo que encontrariam uma oposição maciça da população, **desencadeando distúrbios que dariam aos soviéticos a oportunidade de retornar sob a aparência de proporcionar estabilidade**. Nesse caso, uma comunidade internacional convencida de que os afegãos são 'incapazes' de se autogovernar dificilmente protestaria (Afghanistan..., p. 9)". Isso foi muito do que aconteceu de fato, e dentro de 15 anos a partir dessa profecia, o momento parecia propício para a Rússia torná-la realidade.

Embora **Hikmatyar** fosse (como os líderes do Talibã mais tarde) um muçulmano **sunita**, ele considerava o **Irã** como seu modelo e buscou refúgio no Irã, onde simpatizava com o **Talibã** até ser forçado a desaparecer de Teerã em fevereiro de 2002. Um grande mistério, questionado por muitos pesquisadores ocidentais e jornalistas que observaram a guerra afegã, era como **Hikmatyar**, notoriamente anti-americano e com má reputação e simpatias terroristas, se tornou um favorito da ISI paquistanesa (até 1993) e, assim, o principal destinatário da ajuda militar dos EUA para os guerrilheiros afegãos em meados dos anos 1980. Foram fornecidas várias explicações, incluindo a infiltração da KGB na CIA (ou melhor, ISI) - Arney, p. 160-161; IHT 28.1.1994.

A explicação mais provável é simplesmente que a CIA possuía mais dinheiro do que sabedoria. Um ex-agente da CIA, **Reuel Marc Gerecht**, descreveu em seu artigo "*The Counterterrorist Myth*" como ao longo da guerra afegã, a **Diretoria de Operações** nunca desenvolveu uma equipe de especialistas em assuntos afegãos. O primeiro oficial de caso com alguma proficiência em um idioma afegão só chegou em 1987. Após 1989, a CIA abandonou o Afeganistão, firmemente convencida de que a Guerra Fria havia acabado, e nos dez anos seguintes, nenhum oficial da CIA visitou o lendário comandante **Ahmadshah Masud** no Afeganistão, para descobrir que a guerra ainda estava longe de terminar (<http://www.theatlantic.com/issues/2001/07/gerecht.htm>).

Como disse o repórter da CNN Richard Mackenzie, **Hikmatyar** "*ficou conhecido no Afeganistão por matar mais companheiros mujahideen do que comunistas*".

Embora a contribuição americana para a guerra no Afeganistão tenha sido exagerada, ela permanece como uma nuvem escura sobre a credibilidade da CIA. Os britânicos foram críticos em relação à política da CIA e foram muito mais eficazes ao fornecer mísseis *Stinger* a *Masud*, que os usou para **expulsar os russos**. **Hikmatyar** vendeu seus mísseis *Stinger* para o **Irã** em 1987 (Cooley, p. 92 e 173).

A ajuda da Rússia ao exército comunista superou toda a ajuda estrangeira aos guerrilheiros. De 1986 a 1990, os EUA enviaram armas no valor de 2,5 a 3,2 bilhões de dólares e a Arábia Saudita no mesmo valor, enquanto a União Soviética forneceu um arsenal avaliado em 5,7 bilhões de dólares, de acordo com estimativas moderadas (Goodwin, p. 16 e 82; NZZ 26.-27.9.1998; Reuters 1.4.2001). A Arábia Saudita pode ter continuado financiando seus próprios *proxies* nos anos de 1991-1992. Mas isso foi certamente mais do que igualado pelos envios da Rússia, estimados em até 4 bilhões de dólares anualmente (20-30 voos diários),

continuando pelo menos até 1991, segundo o *Relatório de Khabir Ahmad* em "Venäjän ja Itä-Euroopan instituutin Tiedonantoja ja katsauksia" 3/2001)

Existem discrepâncias entre os números apresentados em diferentes fontes, mas seja quais forem os motivos que os EUA possam ter tido para gastar dinheiro com **Hikmatyar**, o legado da Rússia prolongou a guerra civil mais destrutiva além da desintegração oficial da União Soviética e da queda de Cabul.

Os comunistas afegãos têm uma longa história de "virar casacas" ou, para ser mais preciso, de deixar crescer a barba e adotar o título de "*Mullah*" associado a um pseudônimo. Antes da invasão soviética, os comunistas estavam divididos em três facções:

1. Radicais maoístas da facção **Khalq**, liderados por **Hafizullah Amin** (1979), que foi deposto pelos soviéticos. Isso incluía o oficial do exército **Turan Abdurrahman**, que se juntou à guerrilha já em 1979 e reapareceu como "**Mullah Borjan**", o comandante supremo do exército talibã em 1996, antes de ser morto em circunstâncias desconhecidas;
2. Moderados da facção **Khalq**, liderados por **Nurmuhammad Taraki** (1978-1979), que foi deposto por **Amin**. Isso incluía o ministro da Defesa **Shahnawaz Tanai** e vários outros generais, que se juntaram a **Hikmatyar** entre 1990 e 1992, mas desertaram para os talibãs até 1996, organizando sua força aérea, defesa aérea (**Muhammad Gilani**), artilharia (**Shah Sawar**), unidades de comunicações, inteligência militar e serviços de segurança (**Muhammad Akbar**);
3. Leais ao Kremlin da facção **Parcham**, liderados por **Babrak Karmal** (1979-1986), **Najibullah** (1986-1992) e **Abdurrashid Dostum**, um general uzbeque étnico. A força aérea de Dostum bombardeou Cabul até a ruína antes de também desertar para os talibãs em maio de 1997. Dostum se juntou à "*Aliança do Norte*" com o governo legal apenas quando foi reduzido à

marginalidade militar e, embora tenha recebido generosamente um cargo em Cabul, ainda gostaria de desafiar o governo interino e permanece como um agitador nas províncias do norte, com o apoio do Uzbequistão.

Os comandantes talibãs foram identificados em um excelente artigo de **Stéphane Allix** no *Le Monde diplomatique* de janeiro de 1997. Todos eles tinham um passado na **facção comunista Khalq**. O KGB não deveria recrutar agentes entre eles, mas se concentrou na facção **Parcham** (Kuzichkin, p. 312), mas o GRU deve ter tido interesse especial em recrutar oficiais da Khalq.

O fundador dos talibãs, "**Mullah**" (sem muita educação religiosa) **Omar**, foi camarada de "**Mullah Borjan**" no **Movimento Revolucionário Islâmico**, antes de fundarem um novo partido próprio, no outono de 1994. Suas credenciais na resistência eram marginais em comparação com as de Masud. O mesmo se aplica a **Osama Bin Laden**, que chegou ao Paquistão em 1984 e pode ter participado de uma batalha, mas se gabava como veterano de guerra para seus jovens seguidores. Segundo o agente da CIA **Milton Bearden**, Bin Laden lutou em uma batalha apenas na primavera de 1987, embora seu biógrafo **Yossef Bodansky**, abençoado com uma imaginação bastante vívida, o credite também com alguns escaramuças em 1986 e 1989 (Bodansky, p. 19 e 25).

Na verdade, quando o organizador palestino da ajuda árabe, **Abdullah Azzam**, quis enviar voluntários, dinheiro e armas para ajudar **Masud**, Bin Laden fez com que seu mentor fosse assassinado no outono de 1989, assumiu a organização (**al-Qayda**), enviou os voluntários de volta para casa (Cabul ainda precisava ser libertada, assim como o restante da Ásia Central) e deixou que **Hikmatyar** tivesse o resto. Bin Laden deixou sua base na cidade fronteiriça paquistanesa de Peshawar em pânico inexplicável (dizendo que a Arábia Saudita havia contratado o ISI para matá-lo) em 1991, **enquanto os comunistas ainda estavam no poder em Cabul**, e

justamente quando as coisas começaram a se mover na Ásia Central soviética. Ele claramente não tinha interesse em desestabilizar a esfera de influência russa e, pelo contrário, **direcionou as atividades de aventureiros árabes contra governos pró-americanos.**

Durante a guerra no Afeganistão, os árabes que rondavam na região tiveram pouco uso (os afegãos os detestavam por causa de seu fervor religioso, falta de respeito pelas tradições e hábito de se gabar), e embora fingissem estar interessados no Afeganistão, na verdade, estavam se escondendo em Peshawar de sua própria polícia. Quando visitavam o Afeganistão, eram tolerados apenas por causa de suas conexões com ajuda financeira (NZZ 26.-27.9.1998). A maioria dos "árabes afegãos" eram egípcios no exílio, mas alguns países árabes enviaram criminosos comuns. Em 1991, eles foram recrutados para lutar na Argélia, e em 1993-1994, foram usados por **Hikmatyar** para ajudar **Aliyev** e terroristas patrocinados pela Rússia no Azerbaijão (Cooley, p. 178-179).

**Bin Laden** retornou ao Afeganistão apenas quando precisou de refúgio para si mesmo, convidado por **Hikmatyar** em 1996, e logo descobriu que, entretanto, todos os seus companheiros terroristas haviam desertado - junto com os generais comunistas - para o auto-intitulado "**Mullah**" **Omar**. Bin Laden seguiu o exemplo.

## **A Rússia patrocinou os talibãs e a al-Qayda após o período soviético**

Após a queda do regime comunista no Afeganistão, a Rússia falsificou uma amizade com o governo afegão legal de **Burhanuddin Rabbani** (1992-2001), enquanto seus generais "**ex-comunistas**" (sete dos onze) serviram **Hikmatyar**, com a principal exceção de Dostum. Segundo o professor da Universidade de



Viktor Chernomyrdin e Putin

Peshawar, **Azmat Hayat Khan**, o exército comunista foi dividido com a intenção explícita de **continuar a desestabilização e manter suas afiliações partidárias e estruturas para uso futuro** ("Central Asia" 31/1992, p. 62). No entanto, os talibãs às vezes desconfiavam de seus "ex-comunistas", muitos dos quais podem ter sido purgados em setembro de 1998, quando três generais, vinte e dois oficiais e trinta outras pessoas foram presos por envolvimento em uma conspiração comunista (Radio Russia 27.9.1998; [http://www.subcontinent.com/sapra/terrorism/tr\\_1998\\_12\\_001-s.htm](http://www.subcontinent.com/sapra/terrorism/tr_1998_12_001-s.htm)).

Quando o ministro da Defesa de Rabbani, **Masud**, o archi-inimigo do KGB, estava prestes a restaurar a paz no Afeganistão até 1995, contra todas as probabilidades, a Rússia promoveu um novo movimento rebelde, os talibãs. Dinheiro, armas e conhecimento tecnológico foram canalizados não apenas através dos agentes mencionados acima, mas também diretamente por voos da Rússia, e provavelmente por terra através do Turcomenistão. Isso começou antes da chegada de Bin Laden, e Bin Laden - por meio de suas conexões egípcias, próximas a Hikmatyar - **permaneceu servil aos interesses russos**.

Em primeiro lugar, a Rússia estava preocupada com o futuro do **Tajiquistão**, ex-soviético, que desfrutou de um curto período de democracia exatamente quando **Rabbani** e **Masud**, ambos tadjiques étnicos, estavam restaurando a ordem

em Cabul. O exército russo restaurou os antigos comunistas no poder no Tajiquistão, travou uma sangrenta guerra civil e pressionou o governo afegão a não tolerar guerrilheiros tadjiques em seu território. O **Rossiiskiye Vesti** escreveu em setembro de 1994 que a guerra civil no Tajiquistão só poderia ser encerrada pacificando o Afeganistão (*The Times* 8.5.1995).

Em segundo lugar, **Saparmurat Niyazov**, líder comunista do **Turcomenistão**, iniciou, em novembro de 1994, um projeto para construir oleodutos e gasodutos através do Afeganistão até o Paquistão (*Guardian* 3.10.1995). Isso foi promovido pela poderosa empresa **Gazprom**, cujo ex-gerente **Viktor Chernomyrdin** é, como seu acionista, **um dos homens mais ricos do mundo**, e que coincidentemente foi primeiro-ministro russo de 1993 a 1998. Esta ponta do projeto de oleoduto recebeu pouca atenção da mídia ocidental, enquanto a outra ponta produziu especulações desde que a UNOCAL, sediada na Califórnia, e a **Saudi Arabian Delta Oil** foram atraídas para o projeto em outubro de 1995. Originalmente, a empresa de petróleo argentina Bidas também estava envolvida, mas como preferiria um roteamento pelo Irã, ela foi retirada do projeto (*Der Spiegel* 1/7.1.2002).

A **Gazprom** conseguiu fazer com que a UNOCAL assinasse um acordo em 13 de agosto de 1996. Isso se tornou um incômodo político para os EUA, e finalmente a UNOCAL cancelou o acordo. No entanto, nem o governo do Turcomenistão, nem o gigante russo do gás Gazprom, sofreram má publicidade. Eles não encontraram objeções políticas para continuar as negociações com os talibãs (*IPS* 30.4.1999; *AsiaPulse* via COMTEX 31.10.2000). **Niyazov** pessoalmente suspendeu a alternativa promissora, o Projeto de **Oleoduto Trans-Caspiano**, patrocinado pelos americanos, para a exportação de gás turcomano para a Turquia (*The Monitor* 4.1.2001).

As conexões afegãs do Turcomenistão, tanto econômicas quanto políticas, permaneceram relativamente despercebidas pela mídia, porque o país estava quase tão fechado para o mundo exterior quanto costumava ser durante os tempos soviéticos. Após a derrota dos talibãs e a fuga de militantes da **al-Qayda** para o nordeste do Irã ou para o Turcomenistão, Niyazov teve que cortar seus laços por meio de uma purga minuciosa no exército e nos serviços secretos.

**Muhammad Nazarov**, chefe do KNB (KGB turcomeno), foi publicamente repreendido, rebaixado de general de quatro estrelas a tenente-general e demitido em 13 de março de 2002.

Ele foi substituído pelo ministro do Interior. O ministro da Defesa e chefe do contra-inteligência militar, **Gurbanduri Begenzhev**, também perdeu seus cargos em desgraça. O mesmo aconteceu com **Khosse Reyymov**, outro major-general, que havia sido responsável pelo controle de fronteira. A troca de guarda foi uma surpresa, já que apenas semanas antes os serviços de segurança estavam sendo apresentados como um pilar do regime autoritário de **Niyazov**. Algumas fontes sugeriram que o embaixador dos EUA havia reclamado em particular com **Niyazov** sobre a corrupção nos serviços secretos turcomenos. A "*luta de Niyazov contra a infecção*" dentro do KNB começou imediatamente após a reunião (TOL 18.3.2002).

Enquanto **Niyazov** e **Chernomyrdin** tinham interesses financeiros pessoais em apoiar os talibãs, o vice-presidente dos EUA, **Al Gore**, assinou o infame acordo de armas EUA-Rússia de 1995, que isentou a Rússia de sanções, embora a Rússia continuasse a vender armas ao Irã. Este acordo secreto violou as regras de 1992, estabelecidas pelo Congresso dos EUA. A desculpa de **Gore** foi que a Rússia concordou em não vender tecnologia nuclear e em interromper todas as exportações de armas para o Irã até o final de 1999. Isso, é claro, nunca aconteceu, e quando o acordo fracassado foi divulgado pelo *The New York Times* em outubro de 2000, a Rússia declarou sua intenção de não cumpri-lo de qualquer maneira



(Reuters 31.10. e 22.11.2000). O caso ilustra o quão profundamente **Chernomyrdin** estava envolvido nos negócios com extremistas islâmicos e como a Rússia conseguiu fazer com que a administração de **Bill Clinton** participasse de negócios suspeitos contra os interesses públicos americanos. Também havia rumores de concessões prometidas nos projetos de oleoduto ou no apoio financeiro à campanha presidencial de **Gore**. A derrota de Gore nas eleições de novembro de 2000 foi uma surpresa devastadora para o establishment político russo.

Em terceiro lugar, um oficial da KGB, **Viktor But (Victor Bout)**, transportou armas para os talibãs até 2001. O início desse empreendimento empresarial teria permanecido desconhecido se um avião russo não tivesse sido avistado no aeroporto de Kandahar. Segundo as explicações de But, o carregamento de armas, originalmente destinado ao governo em Cabul, foi forçado a aterrissar em Kandahar por um MiG 21, em 6 de agosto de 1995. Isso aconteceu exatamente quando os talibãs estavam prestes a serem derrotados. Em vez de um desastre rápido neste ponto crítico, os talibãs reforçados voltaram-se para o ataque e tomaram a cidade de Herat até 5 de setembro. Os pilotos russos foram mantidos como reféns em Kandahar até 16 de agosto do ano seguinte, quando miraculosamente conseguiram escapar e foram condecorados pelo presidente russo. Pouco depois, em setembro de 1996, um Taliban bem armado avançou até Cabul.

*"Até agosto, o grupo [Taliban] estava quebrado e desesperado. No entanto, de repente estavam nadando em dinheiro e confiança. Em 27 de setembro, o Taliban marchou sobre Cabul. Ex-comandantes mujahedin próximos ao Taliban afirmam que o bônus veio cortesia de Osama bin Laden... Fontes afegãs e ocidentais dizem que o presente de bin Laden para Omar totalizou US\$ 3 milhões" (Newsweek 13.10.1997). De acordo com fontes russas, o dinheiro, exatamente três milhões de dólares americanos, foi um "resgate" pago diretamente pela Rússia (Interfax*

29.8.1996). Talvez não tenha feito muita diferença quem entregou o dinheiro - e muito mais do que isso em armas - aos Talibãs?

**Viktor But** nasceu em 1967, provavelmente em **Smolensk**. Ele também usou os nomes **Viktor Bulakin** e **Vadim Aminov**. Ele possui cinco passaportes: dois russos, um ucraniano e provavelmente um tadjique e um uzbeque (Guardian 23.12.2000). Ele serviu como navegador na Força Aérea Soviética e se formou no **Instituto Militar de Línguas Estrangeiras em Moscou**, conhecido como uma escola de espionagem do GRU. Em 1991, But tinha uma carreira no KGB, auxiliado por seu sogro, que não era menos do que um membro da família Brezhnev chamado Tsvigun (Guardian 23.12.2000).

Após a dissolução da União Soviética, But serviu nas tropas de paz da ONU em Angola (Sunday Telegraph 22.7.2001). Ele ainda possui uma casa em Joanesburgo, agora usada como um bordel. Em 1995, But apareceu na Bélgica como proprietário de uma empresa de voos de carga. Ele voou armas para o Afeganistão, desde 1997 para o leste do Congo, Ruanda, Burundi e Uganda e, desde 1998, para Libéria e Serra Leoa. Os destinos podem também ter incluído Bósnia, Sérvia, Iraque, Eritreia ou Geórgia (frequentemente os destinatários finais são desconhecidos), Peru e Sri Lanka (Tigres Tâmeis), segundo o *Jane's Intelligence Review*, em fevereiro de 2002; e The Washington Monthly 1/2002).

Os parceiros de But eram generais da Força Aérea treinados pela União Soviética dos talibãs. Para estar mais perto do Afeganistão, ele se mudou em 1997 para os Emirados Árabes Unidos. Quando as sanções da ONU obrigaram os Emirados Árabes Unidos a verificar a carga que ia para o Afeganistão, em janeiro de 2001, **a administração de Bill Clinton fez seu último favor à Rússia amiga**, permitindo uma exceção para transportadoras registradas na Rússia (LAT 20.1.2002). **Para a administração de Clinton, os russos estavam sempre acima de qualquer suspeita como patrocinadores do terrorismo islâmico**. Mais uma vez, o

MI6 britânico foi necessário para direcionar a atenção da CIA na direção certa (Sunday Times 17.2.2002).

A desinformação russa rotulou o Taliban como cliente do Paquistão, embora alguns observadores já tivessem notado em 1997 que o ISI tinha surpreendentemente pouca influência sobre o Taliban. Mesmo que o Taliban tenha sido criado pelo ministro do Interior de Benazir Bhutto (1993-1996), **Nasrullah Babar**, eles logo se libertaram de qualquer gratidão e dependência.

Em junho de 2001, uma mensagem de fax de Peshawar, revelada pelos serviços de inteligência paquistaneses, descreveu o papel de But como a linha de vida do Taliban. As armas deveriam ser encaminhadas por terra, via Turcomenistão, ou por via aérea para o Uzbequistão ou Turcomenistão - os aviões, pilotados por confiáveis pilotos armênios, então simulavam pousos de emergência no Afeganistão (WT 11.11.2001).

But possui 250-300 funcionários, provavelmente na maioria russos, ucranianos e armênios. De acordo com um jornal russo, o **Komsomolskaya Pravda**, a principal fonte de armas de But é a Transnístria, a porção de terra moldava ocupada pelo exército russo e administrada por comunistas nostálgicos da era soviética (BBC 27.2.2002). É também lá que os terroristas do PKK turco encontraram refúgio. De acordo com o *Jane's Intelligence Review*, de fevereiro de 2002, "contrabandistas paquistaneses com laços na Ucrânia" escoltaram possivelmente até 200 militantes da **al-Qayda** até a Ucrânia. No entanto, o "contrabandista paquistanês" era, na verdade, um associado de But, e o destino provavelmente era a Transnístria.

But possui uma casa de cinco andares em Moscou, onde apareceu em um estúdio de rádio para declarar sua inocência. Pouco antes, o oficial russo da Interpol havia afirmado que eles haviam procurado But por anos e podiam garantir que ele não estava na Rússia (LAT 26.2.2002). O irmão de But tinha uma casa em Islamabad (WP 26.2.2002).

Em 28 de fevereiro de 2002, o chefe do escritório da Interpol na Rússia declarou com orgulho que, após quatro anos de investigações, as agências de aplicação da lei russas poderiam afirmar que But não estava em nenhum lugar da Rússia. Ao mesmo tempo, But apareceu no programa de rádio **Ekho Moskv**y, dizendo que havia vivido o tempo todo em Moscou. Ele evitou perguntas afirmando que era um empresário invejado e, portanto, perseguido pelos americanos, que não tinha laços com os serviços de inteligência russos, que estava envolvido apenas no transporte aéreo desde 1992 e que nunca entrou "no comércio de armas em si" - afinal, "O que significa 'comércio de armas'?" But perguntou filosoficamente. Ele repetiu a alegação comum de que "os americanos ajudaram a cultivar o Taliban e o controlaram por meio do Paquistão" (NYT 1.3.2002).

Na mesma noite, um porta-voz do Ministério do Interior da Rússia explicou que a polícia não estava procurando prender But, porque não tinham evidências de qualquer crime (LAT 1.3.2002). Em vez disso, a mídia russa começou a explicar que But estava apenas trabalhando para um judeu ucraniano, **Vadim Rabinovich**, que devia ser um agente israelense. Essa afirmação havia sido apresentada originalmente pelo *Serviço de Inteligência Estrangeira da Rússia* (SVR), reorganizado (Der Spiegel 1/7.1.2002).

O caso But pode ter exigido da Rússia mais do que apenas desvio na mídia. Em meados de outubro de 2001, a tensão na fronteira entre a **Rússia** e a **Abcásia** estava muito alta, e especialistas previram uma "invasão antiterrorista" da Geórgia pelas forças russas. No entanto, isso não aconteceu, pois de repente tudo esfriou. Ao mesmo tempo, o Ministério das Relações Exteriores da Rússia protestou contra o relatório do *The Washington Times* sobre as relações de comércio de armas da **al-Qayda** com a "máfia russa", pedindo a troca de informações entre os serviços de segurança (RFE/RL Russian Federation Report 1.10.2001; DN 16.10.2001). Quando o

caso But foi discutido publicamente, em fevereiro de 2002, a Geórgia convidou a assistência militar dos EUA. Isso causou uma fúria na Rússia, mas inesperadamente, o Kremlin parecia paralisado para reagir.

Algumas décadas atrás, **Strobe Talbott**, especialista em Rússia do governo Clinton, tinha grandes expectativas porque o FBI foi autorizado a abrir um escritório e treinar colegas russos para combater o terrorismo em Moscou. Isso foi antes do escândalo de espionagem do FBI. No entanto, eles falharam em investigar a onda de terror de setembro de 1999, que foi atribuída coletivamente aos chechenos, mas claramente foi cometida pelos serviços secretos russos. No final de outubro de 2000, o coronel da FSB **Aleksandr Litvinenko** buscou asilo na Grã-Bretanha e alegou ter provas da culpa da FSB pelos bombardeios. Outros russos expressaram suspeitas sobre o envolvimento do GRU. Interpol, o FBI e seus colegas russos parecem ser incapazes não apenas de investigar o terrorismo, mas também de prender conhecidos "comerciantes da morte" russos em Moscou, apesar de mandados internacionais de prisão.

A tese de "pós-Guerra Fria" de Talbott era que a simples boa vontade, a confiança nos funcionários russos e o apoio financeiro às instituições supostamente reformadoras da Rússia se traduziriam em aumento da confiança mútua e amizade genuína. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Departamento de Estado dos EUA, aconteceu exatamente o oposto: mais de 70% dos russos tinham uma opinião favorável dos EUA em 1993, mas apenas 37% em fevereiro de 2000.

Pode haver realmente uma conexão chechena, mas dificilmente do tipo que os funcionários russos da Interpol estariam investigando: o ex-líder comunista da Chechênia soviética e presidente fantoche da Rússia (1995-1996) **Doku Zavgayev** foi nomeado embaixador da Rússia na Tanzânia pouco antes dos associados de Bin Laden explodirem prédios lá. Os promotores federais dos EUA encontraram uma

carta entre terroristas que se referiam repetidamente aos membros do grupo no Quênia pelo codinome "pessoas do peixe". Os armamentos transportados pela empresa de But para o Afeganistão foram listados como "peixes da Tanzânia". Onde vivem os peixes? Talvez em um aquário, que por acaso é o apelido da sede do GRU em Moscou.

Além disso, a decisão do líder do PKK, **Abdullah Öcalan**, de voar para Nairóbi, em fevereiro de 1999, pode ser adicionada à lista de curiosas coincidências no leste africano.

Também devemos lembrar da carreira de **Yevgeni Primakov**, agente da KGB no Egito na década de 1960, chefe do SVR de 1991 a 1996, ministro das Relações Exteriores de 1996 a 1998 e primeiro-ministro de 1998 a 1999. Sua nomeação para o governo de **Chernomyrdin** em dezembro de 1996 ocorreu dois meses após a demissão de **Aleksandr Lebed**, o popular general que fez a paz na Chechênia e defendeu medidas enérgicas contra o Talibã. *"A rivalidade entre o SVR e o ministério das Relações Exteriores... terminou com uma vitória decisiva para o SVR com a nomeação de Primakov como ministro das Relações Exteriores... em dezembro de 1996"* (Andrew & Mitrokhin, p. 562).

**Primakov** parece ter trazido consigo uma mudança acentuada na política: em vez de negociar um acordo de paz final com os chechenos, como havia sido acordado por **Lebed**, o FSB incentivou islâmicos provocadores que cometeram assassinatos e sequestros de 1997 a 1999, afugentando a maioria dos trabalhadores humanitários e repórteres estrangeiros da região e fornecendo ao governo russo uma desculpa para uma nova intervenção. Obviamente, esse foi um método exercido com sucesso no Afeganistão para expulsar o governo de Rabbani de Cabul.

Durante suas viagens no Oriente Médio na década de 1980, **Primakov** era conhecido por falar sobre conspirações maçônicas e judaicas.

De acordo com um artigo de jornal russo de **Oleg Lurye**, o primo de **Bin Laden** teve encontros com a filha de **Boris Yeltsin**.

## Islamistas soviéticos na Rússia

Os islamistas na Rússia moderna são provocadores treinados pela KGB, que combatem tradições e nacionalismo e sonham com uma União Soviética reestabelecida. Sua percepção do Islã se assemelha mais a uma caricatura comunista do que às raízes históricas dos muçulmanos, que são principalmente caucasianos e tártaros. Para entender melhor esse desenvolvimento, as atividades da KGB no Oriente Médio podem ser divididas em períodos de cinco anos:

**1968-1972:** A KGB deposita grandes esperanças no terrorismo internacional em geral, e particularmente nos palestinos e em outros socialistas árabes. Foco no Egito.

**1973-1977:** A KGB fica desapontada e os árabes estão frustrados, mas o islamismo financiado pela Arábia Saudita fornece uma ideologia política alternativa para promover sentimentos anti-americanos e pró-russos. Foco no Iraque.

**1978-1982:** A KGB deposita grandes esperanças na "revolução islâmica" do Irã e em sua expansão para países árabes, ao mesmo tempo em que exporta o comunismo para o Afeganistão. Foco no Irã. Fim da era de Yuri Andropov (1967-1982) na KGB.

**1983-1987:** A KGB fica desapontada, mas é acomodada pela dominação do islamismo sobre o comunismo ortodoxo no Irã. Foco na Síria e no Afeganistão. Fim da era de Pyotr Ivashutin (1963-1987), chefe do GRU (Direção Principal de Inteligência do Estado-Maior General das Forças Armadas da Rússia).

**1988-1992:** A KGB retira suas "medidas ativas" dentro das fronteiras soviéticas e se concentra em provocar "conflitos étnicos" para dividir e governar separatistas no Cáucaso e em outras partes do império em desintegração. A KGB está dividida (1991), e o GRU estabelece grandes bases militares pós-soviéticas em Karabakh, Abkhazia e Transnístria.

**1993-1997:** A KGB (FSB e SVR) restabelece o poder comunista em antigas repúblicas soviéticas (exceto os países bálticos), mas falha em fazê-lo na Chechênia. O Afeganistão permanece dividido à medida que um novo grupo de provocadores, os Talibãs, emerge para desafiar os combatentes pela liberdade. O GRU, sob o comando de Fyodor Ladygin (1992-1997), possui mais recursos à sua disposição do que o SVR, sob Primakov (1991-1996).

A KGB concentrou seus esforços em várias estratégias ao longo dos anos, incluindo o apoio a grupos islâmicos como parte de sua política externa.

Durante essas fases, os serviços secretos russos exerceram, de fato, uma influência e controle significativos sobre o terrorismo internacional, incluindo movimentos islâmicos. Essa abordagem não é nova e tem raízes históricas nas práticas da inteligência soviética. **Na década de 1920, a inteligência soviética conseguiu infiltrar com sucesso organizações emigrantes monarquistas anti-soviéticas e até mesmo criou organizações fictícias, como o "Trust", que afirmavam ter infiltrado, mas que na verdade haviam estabelecido por conta**



**própria.** Essa tática fazia parte de uma estratégia mais ampla para **comprometer grupos anti-soviéticos e minar sua credibilidade.**

As agências de inteligência soviéticas usaram táticas semelhantes nas décadas de 1980 e 1990 para manipular e controlar vários grupos extremistas e nacionalistas, incluindo organizações de extrema direita e antissemitas como a Pamyat. Essas táticas envolviam o uso desses grupos para fins de propaganda doméstica, encenação de ações de sabotagem e provocação de dissidentes a se revelarem.

Os anos de 1988 a 1992 foram cruciais para o desenvolvimento do islamismo soviético. O KGB e o GRU estavam envolvidos em lutas internas, e seus recursos foram redirecionados para atividades dentro das fronteiras soviéticas. Isso incluiu o armamento e treinamento de provocadores e implantação de forças especiais para reprimir protestos e manifestações em várias regiões da União Soviética.

Essas práticas históricas de manipulação e infiltração de grupos extremistas e nacionalistas continuaram na era pós-soviética, onde os serviços de inteligência russos mantiveram uma forte influência sobre vários elementos extremistas, incluindo movimentos islâmicos. Compreender essas táticas e seu contexto histórico é essencial para compreender as complexas relações entre a inteligência russa e o terrorismo internacional.

A experiência afegã da GRU foi aprender como manipular os islamistas e fazer com que os comunistas (da facção **Khalq**) deixassem crescer barbas e se unissem aos seus inimigos declarados. Essa "estratégia Khalq" ofereceu uma alternativa bem-sucedida à estratégia mais ortodoxa do "Parcham" que se baseava em alianças ideologicamente menos controversas. Quando a propriedade soviética foi privatizada, a GRU naturalmente lucrou com a venda de aeronaves e armas.

Conforme apontado recentemente pelo pesquisador finlandês **Anssi Kullberg** em sua bem documentada tese de mestrado sobre geopolítica russa, o **Partido do Renascimento Islâmico** foi fundado em **Astracã**, em junho de 1990, **sob vigilância da KGB**, para defender um Islã soviético e global contra movimentos separatistas entre as nações muçulmanas.

O **Partido Islâmico do Azerbaijão** foi fundado em 1991 por um filólogo, "*um típico representante da lumpen-intelligentsia pós-soviética*", que era tanto **anti-turco** quanto **antisemita**. Seus membros organizaram a queima de uma bandeira de Israel e o treinamento de "brigadas islâmicas". O partido lutou contra **uma suposta conspiração maçônica internacional para espalhar o modelo de civilização americano**, até que sua liderança foi presa em 1996 e acusada de espionagem para o Irã (Igor Rotar: "Fundamentalismo Islâmico no Azerbaijão - Mito ou Realidade?" Prism 8/2000).

O patrocínio soviético ao islamismo foi exposto por um líder nacionalista checheno, **Ahmad Zakayev**, em um revelador folheto sobre "*Wahhabismo - as drogas do Kremlin contra organizações de libertação nacional*" (Dziennik Polski 30.9.2001).

A pesquisadora finlandesa-polonesa **Zofia Grodzinska-Klemetti**, que visitou a Chechênia durante e entre os anos de guerra, também destacou como tanto a inteligência russa quanto a saudita eram consideradas pelos chechenos como forças paralelas que minavam a paz e a liberdade da sociedade chechena. Em sua palestra em Helsinque em 23 de outubro de 2001, ela observou que a **propaganda antisemita sempre era em língua russa e que Deus sempre era mencionado em árabe, como Alá, em vez de usar apelações mais populares nas línguas locais**. Tem sido muito típico para os islamistas ocidentais insistirem no uso do nome árabe de Deus. Obviamente, o **antisemitismo** não surgiu das culturas

caucasianas ou turcas russas (tártaras), mas foi importado **em nome de um Islã centrado no mundo árabe**.

Quando as antigas colônias soviéticas declararam independência em 1991, muçulmanos militantes como os **irmãos Basayev**, chechenos, e alguns dos "árabes afegãos" de **Hikmatyar**, foram convidados pela GRU a se juntar a uma "causa islâmica" em nome da **Abkházia** contra a Geórgia. **Embora a guerra de 1992-1993 tenha sido retratada como uma guerra de independência para os tradicionalmente muçulmanos abkhazianos, os Basayevs e outros voluntários muçulmanos logo descobriram que isso estava longe da verdade**. Os chamados abkhazianos eram **comunistas antigos** que se recusaram a aceitar as mudanças democráticas. Em vez de obter mais autonomia, a Abkházia - assim como Karabakh e Transdnístria - praticamente passou a ser operada pelos serviços secretos russos e envolveu-se no comércio internacional de armas e no treinamento de terroristas.

De acordo com o pesquisador turco-americano **Ali M. Koknar**, **Shamil Basayev** passou por treinamento militar no Afeganistão de abril a julho de 1994; o pesquisador indiano **Vinod Anand** data sua visita de março a maio de 1994 - de qualquer forma, antes do surgimento dos Talibãs. Seu anfitrião na época deve ter sido Hikmatyar ou um de seus subordinados treinados pelos soviéticos. Nunca houve evidência de qualquer contato entre a liderança chechena e os Talibãs, exceto por uma missão privada do ex-vice-presidente checheno no início de 2000, quando a Rússia já havia invadido Chechênia pela segunda vez.

A República Chechena de Ichkeria declarou independência em 1991, e nos primeiros três anos, a Rússia tentou várias artimanhas para dominá-la. O que havia funcionado em 1993 na Geórgia, no Tajiquistão e no Azerbaijão não trouxe resultados na Chechênia. No final, a Rússia lançou duas invasões em grande escala contra essa pequena nação caucasiana. Muito poucos islamitas mostraram qualquer simpatia por seus companheiros muçulmanos. Irã e Iraque aplaudiram as

invasões da Rússia. Embora a Rússia tenha culpado terroristas muçulmanos ("árabes afegãos") pela resistência chechena, foram avistados mais voluntários ucranianos ou de origem russa entre os combatentes pela liberdade chechenos do que árabes ou afegãos.

Há semelhanças táticas entre a Chechênia e o Afeganistão. Forças igualmente sinistras operaram em ambos os países. Provocadores foram usados pelos serviços secretos russos para desestabilizar governos, e a mídia mundial foi em grande parte desinformada sobre o que estava acontecendo. Em algum momento, enquanto afegãos eram acusados de lutar na Chechênia, chechenos eram acusados de lutar no Afeganistão. Tais acusações surpreendentemente ilógicas foram transmitidas sem crítica pela mídia ocidental. Poucos jornalistas se deram ao trabalho de perguntar por que esses "mercenários" permaneceram invisíveis, imortais (nenhum corpo encontrado nos campos de batalha) e impossíveis de serem capturados vivos (a menos que a Rússia tenha executado seus prisioneiros de guerra antes que pudessem ser interrogados), ou qual sentido faria ter um ousado "intercâmbio de estudantes" entre dois países sem fronteira comum ou mesmo um vizinho comum. Os riscos logísticos por si só certamente desencorajariam tais práticas.

Além disso, as origens dessas alegações inconsistentes podem ser rastreadas com relativa facilidade. O mito dos chechenos no Afeganistão foi inventado pelo Times of India em dezembro de 1999, inicialmente se referindo apenas a refugiados, mulheres e crianças. Em abril de 2000, artigos publicados no **The Indian Express** e no **The Hindustan Times**, distribuídos na internet por conhecidos agentes de desinformação, falavam sobre supostos militantes árabes, paquistaneses e afegãos que, alegadamente, teriam estado na Chechênia em agosto de 1999, mas retornaram para lutar no Quirguistão antes de se aposentar no Afeganistão (Vinod Anand: "Exportação de Terror Sagrado para a Chechênia a

partir do Paquistão e Afeganistão, Análise Estratégica" - 24.3/2000). Os jornais indianos sempre foram úteis para lançar desinformação russa.

Em abril de 2000, os supostos afegãos na Chechênia e os refugiados chechenos no Afeganistão foram subitamente transformados em combatentes chechenos no Afeganistão pela mídia russa (Gazeta.ru 26.4.2000). Quando uma equipe de TV russa afirmou em 22 de maio de 2000 que Masud havia admitido a existência de "ainda não muitos" chechenos no Afeganistão, a agência de notícias Itar-TASS relatou "dezenas de chechenos" avistados no Afeganistão, o que a Reuters e a BBC exageraram para "milhares de chechenos". Assim, nasceu um mito. Embora a **Khabar TV** do Cazaquistão tenha buscado 3.260 prisioneiros no Afeganistão para encontrar um checheno, o único candidato acabou sendo um azerbaijano (BBC 4.1.2002). Um repórter de um jornal russo conseguiu encontrar um circassiano, que deve ter trabalhado duro para explicar aos seus interrogadores americanos as diferenças entre as nacionalidades caucasianas (MN 6.-12.2.2002). Havia mais ocidentais entre os prisioneiros da **Al-Qaeda**.

Misteriosamente, nenhum desses chechenos jamais pôde ser entrevistado - ao contrário de dois uigures chineses capturados, que foram apresentados em provavelmente todos os jornais respeitáveis do Ocidente (<http://www.dawn.com/2001/04/16/top15.htm>). Isso, é claro, agradou à China, mas forneceu poucas evidências para sustentar os próprios mitos russos sobre o terrorismo.

**Alegou-se que a maioria dos militantes da Al-Qaeda no Afeganistão era de origem saudita ou egípcia, mas passaportes poderiam ser roubados ou falsificados.** Registros capturados em Cabul incluem principalmente nomes iemenitas, seguidos por argelinos, sírios individuais, libaneses, palestinos, kuwaitianos e tunisianos (Jane's Defence Weekly 30.1.2002). O terceiro homem da **Al-Qaeda**, "**Abu Zubaydah**", foi inicialmente declarado saudita de origem palestina, mas depois reconhecido como **ativista iraquiano do Partido Baath**

**Socialista Árabe** (NYT 14.2.2002; Der Spiegel 8/18.2.2002). Embora sejam todos árabes, as identidades poderiam fornecer **pistas sobre os antecedentes políticos**.

Os chechenos foram **acusados** de várias atividades criminosas na Rússia. Há alguns anos, surgiram histórias sobre material tóxico escondido em parques de Moscou por **terroristas chechenos**. Agora sabemos que **o Exército Soviético havia despejado armamento químico em um parque de Moscou 30 anos antes** (TOL 12.9.2001). Todas as pistas parecem levar de volta à "Terceira Roma" e seus "pretorianos", **os serviços de inteligência militar russos**, a GRU. De acordo com o próprio presidente russo, em seu discurso no "Aquário" em 5 de novembro de 2001, até 421 oficiais da GRU haviam perecido na Chechênia durante dois anos de guerra, e a GRU continuava a desempenhar um papel nos assuntos externos russos!, como pode ser visto no "NIS Observed" de 28/11/2001.

Mas que papel é esse?!

## Referência literária

**Andrew**, Christopher & **Mitrokhin**, Vasili: The Sword and the Shield - The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB (USA 1999)

**Arney**, George: Afghanistan (London 1990)

**Barron**, John: KGB - The Secret Work of Soviet Secret Agents (New York 1974)

**Bodansky**, Yossef: Bin Laden - The Man Who Declared War on America (Rocklin 1999)

**Bradsher**, Henry S.: Afghanistan and the Soviet Union (Durham 1985)

**Cooley**, John K.: Unholy Wars – Afghanistan, America and International Terrorism (Padstow 1999)

**Deriabin**, Peter & **Bagley**, T. H.: KGB – Masters of the Soviet Union (New York 1990)

**Goodwin**, Jan: Price of Honour (London 1995)Klass, Rosanne (ed.): **Afghanistan** – The Great Game Revisited (Lanham 1987)

**Kuzichkin**, Vladimir: Inside the KGB - Myth and Reality (Frome 1990) Leitzinger, Antero (ed.): **Caucasus** and the Unholy Alliance (Vantaa 1997)

**Livingston**, Neil C. & **Halevy**, David: Inside the PLO (USA 1990)

**Lunev**, Stanislav: Through the eyes of the Enemy (Washington 1998)

**Reissner**, Johannes: Ideologie und Politik der Muslimbrüder Syriens (Islamkundliche Untersuchungen 55, Berlin 1955)

**Seale**, Patrick: Abu Nidal – Der Händler des Todes (Gütersloh 1992)

**Segaller**, Stephan: Invisible Armies (Worcester 1986)

**Sivan**, Emmanuel: Radical Islam, Modern Theology and Modern Politics (Binghamton 1985)

**Taheri**, Amir: Holy Terror (Bethesda 1987)

Lamento, mas não consigo fornecer trechos desses livros específicos, pois eles não estão disponíveis em meu banco de dados e não tenho acesso à internet para realizar pesquisas online [o texto original foi publicado em 2002].

## **Abreviações de jornais**

BBC British Broadcasting Company

DN Dagens Nyheter (Swedish daily)

IHT International Herald Tribune

IPS International Press Service

LAT Los Angeles Times

MN Moscow News

NZZ Neue Zürcher Zeitung (Swiss daily)

RFE/RL Radio Free Europe / Radio Liberty

TN Turkistan Newsletter

TOL Transitions Online

WP Washington Post

WT Washington Times

## **Índice de pessoas**

Às vezes, nomes árabes compostos aparecem em inglês [NdT: aqui em português] separados (especialmente Abdul-), ou com uma grafia ligeiramente diferente devido a diferenças na pronúncia. Portanto, mantive Mohammed em vez de Muhammad para nomes persas. Algumas dessas variações estão listadas abaixo, entre parênteses. O uso saudita de "Bin" em vez de "ibn" (filho) na verdade transforma o patronímico em um sobrenome - por exemplo, Ladin não era o pai de Osama, mas seu bisavô.

Abdulmalik, Anwar Lebanese writer [Abdelmalek]

Abdurrahman, Turan "Mullah Borjan", *Taliban* officer

"Abu Zubaydah" Iraqi terrorist

Ahmad, Khabir Afghan researcher

Akbar, Muhammad *Taliban* officer

Aliyev, Heydar KGB officer, President of Azerbaijan 1993-



Allix, Stéphane French researcher

Amin, Hafizullah President of Afghanistan 1979

Anand, Vinod Indian researcher

Andropov, Yuri KGB chief 1967-1982, Soviet leader 1982-1984

Arafat, Yasser Palestinian leader

Atta, Muhammad Egyptian terrorist

Azzam, Abdullah Palestinian writer

Babar, Nasrullah Interior Minister of Pakistan

Basayev, Shamil Chechen officer, brother of Shirvani Basayev

Bearden, Milton CIA officer

Begenzhev, Gurbanduri Defence Minister of Turkmenistan

Beheshti, Mohammed Ayatollah, Iranian leader 1981

Ben Bella, Ahmad President of Algeria 1962-1965

Bhutto, Benazir Prime Minister of Pakistan 1988-1990 and 1993-1996

Bhutto, Murtaza Pakistani left-wing politician, brother of Benazir Bhutto

Bin Baz, Abdulaziz Saudi Mufti

Bin Ladin, Usamah Saudi terrorist [Osama bin Laden]

Bodansky, Yossef American researcher

Brezhnev, Leonid Soviet leader 1964-1982

Brutents, Karen KGB officer

But, Viktor KGB officer [Victor Bout]

Chamran, Mustafa Ali Defence Minister of Iran

"Che Guevara" Cuban terrorist

Chernomyrdin, Viktor Prime Minister of Russia 1993-1998

Clinton, Bill President of the USA 1993-2001

Dawalibi, Muhammad Maruf ad- Prime Minister of Syria 1951 and 1961-1962

Dostum, Abdurrashid Afghan officer

Faysal King of Saudi Arabia 1964-1975

Gerecht, Reuel Marc CIA officer

Gharazi, Mohammed Oil Minister of Iran

Ghotbzadeh, Sadegh Foreign Minister of Iran 1979-1980

Gilani, Muhammad *Taliban* officer

Gore, Al Vice President of the USA 1993-2001

Grodzinska-Klemetti, Zofia Finnish Polish researcher

Habash, George Palestinian terrorist

Haddad, Wadi Palestinian terrorist

"Hagop Hagopian" Iraqi terrorist

Hawatmeh, Nayef Palestinian terrorist

Hikmatyar, Gulbuddin Prime Minister of Afghanistan 1993-1994 and 1996 [Hekmatyar]

Islam, Hussein Shaikh al- Lebanese terrorist

Ivashutin, Pyotr GRU chief 1963-1987

Kalugin, Oleg KGB officer

Karmal, Babrak President of Afghanistan 1979-1986

Khalid King of Saudi Arabia 1975-1982

Khan, Azmat Hayat Pakistani researcher

Khomeini, Ruhollah Ayatollah, Iranian leader 1979-1989

Kikot, V. KGB officer

Koknar, Ali M. American Turkish researcher

Kullberg, Anssi Finnish researcher

Ladygin, Fedor GRU chief 1992-1997

Lebed, Aleksandr Russian officer  
Litvinenko, Aleksandr FSB officer  
Lurye, Oleg Russian reporter  
Mackenzie, Richard CNN reporter  
Masud, Ahmadshah Defence Minister of Afghanistan [Ahmed Shah Massoud]  
Mitrokhin, Vasili KGB officer  
Moti, Abdulkarim Moroccan writer [Mot'ee]  
Najibullah President of Afghanistan 1987-1992  
Nazarov, Muhammad KNB chief  
Niyazov, Saparmurad President of Turkmenistan  
Öcalan, Abdullah Turkish terrorist  
Omar Mullah, *Taliban* leader  
Pipes, Daniel American researcher  
Primakov, Yevgeni SVR chief, Prime Minister of Russia 1998-1999  
Qutb, Said Egyptian terrorist  
Rabbani, Burhanuddin President of Afghanistan 1992-2001  
Rabinovich, Vadim Ukrainian businessman  
Reymov, Khosse Turkmen officer  
Rotar, Igor Russian researcher  
Sadat, Anwar President of Egypt 1970-1981  
Saddam Hussein President of Iraq 1979-  
Sawar, Shah *Taliban* officer  
Shahin, Jérôme Lebanese writer  
Talbott, Strobe American left-wing politician  
Tanai, Shahnawaz Defence Minister of Afghanistan

Taraki, Nurmuhammad President of Afghanistan 1978-1979

Topol, Eduard American Russian writer

Tsvigun, Semyon KGB officer

Turki Prince, Saudi intelligence chief 1977-2001

Yassine, Abdussalam Moroccan writer

Yazdi, Ibrahim Foreign Minister of Iran?

Yeltsin, Boris President of Russia 1991-1999

Zakayev, Ahmad Deputy Prime Minister of Chechnya

Zavgayev, Doku Russian Chechen politician

Zawahiri, Ayman az- Egyptian terrorist